

ARQUEOLOGIA DA FASE DO BRONZE NA PALESTINA: ENFOQUES SOBRE O PERÍODO PATRIARCAL

Marcel Alcleante Alexandre de Sousa¹

RESUMO

O trabalho aborda o tema da arqueologia do período patriarcal. Utilizamos a obra de Mario Liverani, *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. Com o texto procuramos enfatizar alguns aspectos bíblicos de Gênesis de 12 a 50. As pesquisas recentes da arqueologia nos permitem perceber que as historiografias dos patriarcas talvez não sejam como o senso comum imagina ser.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Bíblia, Patriarcas.

ABSTRACT

The article discusses about the archeology theme in the patriarchal period. We used the work of Mario Liverani, "Para além da Bíblia: antiga história de Israel". In this text, we want to emphasize some biblical aspects, on the book of Genesis, chapters 12 to 50. The recent researches of archeology allows us to understand that the historiography of patriarchs maybe, it might be not as common sense imagines to be.

KEYWORDS: Archeology, Biblical, Patriarchs.

1. INTRODUÇÃO

Pretendemos desenvolver com este trabalho um estudo sobre a questão do patriarcado a partir dos aspectos históricos e historiográficos. Além destes, apresentar um panorama da literatura do período que é praticamente a mínima e, com isso, a contribuição da arqueologia para melhor compreensão do período. Buscaremos localizar os povos que, antes do caminho realizado por Abraão, já existiam na região da Palestina², cultivando ao longo dos séculos suas tradições.

Objetivamos descrever o enfoque arqueológico de Mario Liverani sobre a época dos patriarcas, a partir de sua obra *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. Lidamos com o aspecto mitológico fundacional de um Abraão migrante e morador das terras de Canaã. Isaac não se distancia deste aspecto, para ocupar a terra, precisou comprá-la primeiro. A terra aparenta ser um pano de fundo das histórias patriarcais. Acompanham elas, um povo que está contextualizado em um tempo e que sente

¹. Graduado em Filosofia (Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/2012). Graduado em Teologia (Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA/2016). E-mail: marcelalcleante@yahoo.com.br.

². Marca a história da Palestina quatro aspectos, a saber, o povo, a terra, a lei e o templo.

necessidade de uma lei. Esses fatores são na verdade fontes ou horizontes para discussões mais aprofundadas.

Considerando a rica contribuição dos estudos arqueológicos ao longo do tempo, até os mais atuais, realizamos uma espécie de antítese a partir de tudo aquilo que possuímos de registro no livro do Gênesis³, ou melhor, nem todas as informações contidas nesse livro procedem de acordo com as escavações, verificações e resultados. A arqueologia bíblica remonta toda esta tradição patriarcal em novas perspectivas, é claro, sem nenhuma pretensão de descrédito em relação aos patriarcas, pelo contrário, uma bela e profunda contribuição ao aprofundamento religioso a partir da Revelação.

2. PREMISSAS DO PATRIARCADO NO PRIMEIRO TESTAMENTO

Depois de realizada uma leitura prévia do livro do Gênesis, percebemos que, em linhas gerais, Abraão deixou Ur, na Caldeia, isto é, no sul da Mesopotâmia (1850-1650 a.E.C⁴) rumo ao norte chegando até Haran (Gn 12-32) e depois em Canaã (Gn 12) passando pelo deserto de Negueb (Gn 12-10). Por ocasião de uma grande fome sobre a terra ele foi ao Egito (Gn 12-10). No texto *Histórias de Israel e as pesquisas mais recentes* encontramos o seguinte feito:

[Abraão foi] o primeiro pai, patriarca, na fé. Sendo um ‘sem terra’, ele saiu de Ur, terra de seus pais e parentes e foi à procura da terra prometida por Deus. O Povo de Deus sempre guardou na memória essa promessa feita a Abraão. Viveu em função dela (FARIA, 2003, p. 13).

As pesquisas recentes nos mostram que, a cidade de Ur era, com efeito, uma cidade muito importante antes e também no tempo de Abraão. “Nela foi encontrada uma grande *zigurate*, espécie de torre terminada com um templo e constituída por vários

³. O livro do Gênesis fala do princípio. Na língua hebraica chama-se *Bereshit* e significa ‘no princípio’. É composto de 50 capítulos. Dos capítulos 1 a 11 temos uma coletânea de mitos. Mitos não é mentira, mas uma forma de explicar as coisas. Dos capítulos 12 a 50 temos a narrativa dos patriarcas e das matriarcas.

⁴. Usaremos a.E.C para sinalizar ‘antes da Era Comum. Essa terminologia para Faria (2011) é dita por razões ecumênicas, em respeito ao povo judeu.

andares, e muito mais objetos de valor do que em qualquer outro lugar na Mesopotâmia”⁵.

Poderíamos nos perguntar: será realmente a cidade Ur dos Caldeus a mencionada pela Bíblia? Os caldeus eram Arameus originários de Harã, no Norte da Mesopotâmia, que tinham emigrado para o Sul por volta do ano 1900 a.E.C. O título caldeu não pode, portanto, ser aplicado a Ur antes do século IX a.C.E pelo motivo de que “Abraão viveu cerca de mil anos antes dessa época. Mas, textos descobertos em Ebla, no Norte da Síria, mencionam uma cidade de Ur perto de Harã, a região de origem dos caldeus”⁶. Os dados bíblicos parecem apoiar esta conclusão, pois situa a região de origem dos patriarcas no Norte da Mesopotâmia e nos arredores de Harã. Segundo Wellhausen não há nenhum indício que deixa supor que eles vinham do Sul.

Propomos apresentar a configuração regional da Mesopotâmia e Canaã. A Mesopotâmia é um termo de origem grega que significa entre rios. Desde 3500 a.E.C os Sumérios já habitavam a região sul, junto ao Golfo Pérsico. Essa região recebeu o nome de Suméria. A planície da Mesopotâmia está localizada entre os rios Tigres e Eufrates. O centro das atividades econômicas, administrativas, religiosas e políticas se concentraram na cidade de Ur que se localiza a oeste do rio Eufrates. Nessa região foram encontrados os primeiros escritos da humanidade (2800 a.E.C). Canaã, embora seja de dimensões reduzidas, ocupa uma posição estratégica e delicada dentro da *Meia Lua do Crescente Fértil*, pois é rota obrigatória do comércio e também o corredor militar entre as grandes potências da Mesopotâmia e do Egito. Foi um palco de lutas entre os grandes impérios do Antigo Oriente Médio.

Os antigos habitantes da região d’A *Meia Lua do Crescente Fértil*, que elencaremos mais abaixo do texto habitavam a região da meia-lua. A economia agrícola era de extrema importância para a região, pois havia predominância de água e pastagens. A locomotiva acontecia através de burros e cavalos puxados por carroças. O cenário é um tanto primordial para a criação e o cultivo. Eles usavam os quadrúpedes para o trabalho. As Escrituras Sagradas mencionam o camelo como animal domesticado. Esse animal é símbolo de riqueza. As pesquisas arqueológicas relacionam o contato mais

⁵. COSTA, Jose Carlos. **A época dos patriarcas: Abraão**. Disponível em: <http://galeriabiblica.blogspot.com.br/2011/03/epoca-dos-patriarcas-abraao.html>. Publicado em: 03/03/2011. Acesso em 10 de mar. de 2015.

⁶. *Idem*.

direto com o camelo no final do Período do Bronze e início do Período do Ferro por volta de 1550-1200 a.E.C.

O comércio e as expedições militares na *Meia Lua* possuíam suas próprias rotas evitando desertos e montanhas que se estendiam por mais de dois mil quilômetros de extensão linear. Esta região, pelo fato de ter abundância de água e pastagens, era cobiçada por muitos povos. Em cada uma das pontas desta faixa, habitavam povos e foi também berço das mais importantes civilizações do Mundo Antigo.

Os Sumérios eram povos de origem e estirpe desconhecida. Habitava a Mesopotâmia na parte meridional. Os Acadianos habitavam a parte setentrional, as margens do Eufrates e os Assírios em um país que estendia entre a Babilônia e o planalto do Irã e da Armênia, império marcado por lutas e ascensão e queda de reis.

O Egito foi habitado desde 5550 a.E.C passando por três fases imperiais, a saber, antigo, médio e novo império. O Antigo Império de 2278-2263 a.E.C com capital em Menfis. O Médio Império de 2050-1785 com capital em Tebas. A literatura egípcia ganha força nesta época e se torna clássica; é o período que segundo a história desenvolve o fundo histórico das narrativas dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó. Devido aos problemas climáticos, muitos grupos se dirigiam ao Egito em busca de alimentos. Com a retomada do poder pelos egípcios e com a expulsão dos hyksos da região, a situação dos hebreus instalados no Egito mudara radicalmente e se tornara desfavorável. O Novo Império de 1580-185 a.E.C tinha por capital Tebas. Foi um período de grandes conquistas e expansão do território. Canaã está sobre o controle egípcio por quatro séculos.

Na Época Baixa do Egito de 1085-332 a.E.C funcionava basicamente segundo o sistema tributário. Havia uma relação entre o Estado e os grupos produtores. Este sistema gerava desigualdade social e o Estado se tornava cada vez mais rico fazendo com que o povo empobreça. Com isso, a religião estatal se tornou uma ideologia e instrumento de interesse e opressão pela classe dominante. Os hebreus tornaram-se escravos deste sistema. Nessa perspectiva, podemos relacionar o contexto estrutural e conjuntural da escravidão.

Na *Sagrada Escritura*⁷ é possível encontrar menções acerca dos Amonitas que é nome de um antigo povo, descendente de Amom, filho de Lot. Perseguiram os Israelitas desde o tempo que habitavam Canaã, as lutas continuaram durante séculos. Os

⁷. *Bíblia*.

Asmoneus que habitavam a Palestina antes dos Israelitas, ocuparam a Mesopotâmia. A primeira dinastia Babilônica, Hammurabi, foi descendente deste povo. Adoravam o deus Amorrú. Os filhos de Noé Sidom, Ete = eteus viviam em Canaã. Os Heveus estavam em Canaã na época de Jacó. Descendia de Hev filho de Cam. Os Amalecitas que, segundo a tradição bíblica, são filhos de Esaú; Elifaz, com sua concubina Timna (Gn 36, 12-16). Amaleque, neto de Esaú, era um dos chefes de Edom (Gn 36, 15). O nome de Amaleque também designava seus descendentes tribais (Cf. Dt 25, 17; Jz 7, 12; 1Sa 15,2). Esses povos se estabeleceram no deserto de Negueb, na parte meridional da península do Sinai.

Os edomitas (filhos de Edom) foram um grupo tribal vizinhos de Judá, língua semítica de habitantes do Deserto de Negev e do vale de Arabá do qual é hoje o sul do Mar Morto e vizinho ao Jordão. A região tem muitos arenitos avermelhados, o que pode ter levado à origem do nome Edom. A nação de Edom é conhecida por ter sobrevivido aos séculos IX-VIII a.E.C e a Bíblia os data muitos séculos antes desses. Provas arqueológicas recentes indicam que a nação edomita é tão antiga quanto ao XI a.E.C. A nação deixou de existir no decorrer da Guerra judaico-romana.

Os moabitas surgem através de um incesto promovido pela filha mais velha de Ló, sobrinho de Abraão, logo após a destruição de Sodoma e Gomorra (Cf. Gn 19, 30-38). Ló foi conduzido pelos anjos para as montanhas. Sua filha mais velha em uma conversa com a sua irmã mais nova disse que o pai, Ló, era homem velho e não havia nenhum outro filho homem para dar continuidade à linhagem; coisa que para a época era levado muito a sério. Elas embebedaram o pai, mantiveram relação e concebeu cada uma um filho. A mais velha gerou Moabe, patriarca dos Moabitas e a mais nova gerou Bem-Ami que deu origem ao povo de Amom, os Amonitas.

Conforme apontamos nos textos acima, ao chegar à terra de Canaã, o cenário já era habitado por diversos povos e culturas diferentes. Alguns cientistas tentam afirmar essa data na chamada Idade do Ferro que se caracteriza pela descoberta de novas técnicas metalúrgicas, a fundição do ferro como o seu próprio nome sugere. Outros povos também desempenharam um papel de igual importância nesta época. Na costa sul estava o Povo do Mar e na costa norte⁸, os fenícios.

Em 1940 e 1960, os estudiosos William Foxwell Albright e Cyrus H. Gordon tentaram mostrar que a era patriarcal, tal como descrita na Bíblia, poderia ser

⁸. Cf. Disponível em: <http://www.terradabiblia.com.br/viagem-terra-santa/a-idade-do-ferro-o-tempo-dos-patriarcas-da-biblia/>. Acesso em 10 de mar. de 2014.

estabelecida sobre específicos panos de fundo do Oriente Próximo, nomeadamente a Média Idade do Bronze, aproximadamente 1800 a.E.C. Referências bíblicas no Egito fornecem evidências adicionais que datam os patriarcas na Idade do Bronze Médio. Abraão e Jacó encontram faraós egípcios (Cf. Gn 12,10-20).

Sob as XII e XIII dinastias (séculos 20 a 17 a.C), os faraós egípcios tinham um palácio e templos no delta do Nilo oriental chamado, em parte, Ro-waty, Boca dos dois Caminhos, onde a estrada costeira de Canaã encontra a estrada de WadiTumilat no delta oriental. A XIII dinastia foi seguida pelo período dos hicsos, nos séculos 17 e 16 a.E.C. Os reis hicsos tomaram conta do centro do Antigo Egito, no delta do Nilo oriental e reconstruíram-na como sua capital de verão, Avaris.

3. PREMISSA ARQUEOLÓGICA DO PATRIARCADO

Em um diálogo entre a arqueologia e as narrativas patriarcais do livro do Gênesis 12-50 é possível nos deparar com uma problemática: sendo uma época narrada bíblicamente, de fato corresponde com o que apresenta o resultado das pesquisas arqueológicas recentes? Os estudos arqueológicos apresentam a possibilidade de uma releitura das narrativas bíblicas baseadas em aspectos condizentes com a existência desses povos bíblicos. Sendo assim, Liverani (2008, p. 32) ao descrever a periodização da história antiga de Israel apresenta a cronologia do período patriarcal em 2000 a 1550, na fase arqueológica corresponde ao período do Bronze Médio. Historicamente diz respeito às cidades independentes, que é possível correlacionar, arqueologicamente falando, o Período Patriarcal e Matriarcal com a fase do Bronze, já que encontramos as histórias de José no Bronze Recente.

Dialogando com fontes diferentes do texto de Mario Liverani, algumas fontes sobre estudos arqueológicos dos Patriarcas e Matriarcas contribuem para uma discussão preliminar sobre a história verídica desse período. Nas pesquisas contidas na obra *A Bíblia hoje* do alemão Lapple (1979, p. 51) notamos que “as peregrinações e as aventuras dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó (= Israel), devem ser integradas na *história das grandes migrações semíticas*, sucedidas na idade do médio bronze (2100 - 1600 a.E.C) no Oriente Médio”.

Com as pesquisas, é possível encontrar algumas evidências sobre os estudos da idade dos Patriarcas e Matriarcas. Willian Albright “sustenta que uma vasta migração dos ‘amonitas’, povo nômade proveniente da Mesopotâmia, provocou por volta do ano

2000 a.E.C a destruição da cultura urbana no Levante”⁹. Essas invasões nos permitem pensar o personagem Abraão não muito distante de tal realidade. O problema dessas pesquisas é que “as migrações amonitas ocorreram, sobretudo, na direção oeste-leste e Abraão foi de leste para o oeste. Assim, não é possível dizer que houve migração na direção de Canaã na época em que a *Bíblia* situa a viagem de Abraão”¹⁰.

Para Liverani (2008, p. 322) o período patriarcal tem enfoque de uma narrativa contínua e genealógica. Abraão sai de Ur na Caldeia, mas, segundo Liverani (2008, p. 324) “Abraão é na origem epônimo de uma tribo de Banu-Raham atestada na Palestina central no século XIII, tribo depois desaparecida como tal, mas que permaneceu nas genealogias tribais” e apresentam uma ligação com a cultura pastoril.

Sobre os Patriarcas e Matriarcas encontramos, como por exemplo, em Gn 13 a menção de que Abraão era muito rico em rebanhos... Com Liverani (2008, p. 29) percebemos argumentos favoráveis para a compreensão destes aspectos. A ideia patriarcal descrita no livro do Gênesis 21-50 traz presente um contato com a terra, com a criação de rebanhos. A Palestina, para Liverani, pode ser pensada como cenário adequado para o pastoreio. O sentido disso é que a criação de rebanhos pelo que apresenta a hidrografia pode ser real. Não discutimos se o protótipo patriarcal, de fato, tinha certa quantidade de rebanhos, mas sim a possibilidade da existência de criação de cabras, ovelhas, bois... junto aos migrantes. A criação se envolve nas questões econômicas, devido às trocas e também aos cultos religiosos por causa dos sacrifícios de animais.

Abraão, pensado como povo (Dt 26, 5), sai a procura de uma terra adequada ou que seja de sua posse, não foge a ideia de serem mencionadas suas necessidades, sejam elas fisiológicas ou não, que as invasões podem proporcionar a migração. Abraão entendido como nação e não como personagem físico e individual é compreendido e, neste caso, toda a situação contribui para o pensamento de que um povo deixa seu espaço, uma série de situações política, territorial ou até mesmo de subsistência com a probabilidade de ser considerado sempre estrangeiro. Através das pesquisas de Liverani essa concepção se esclarece, porque equivale dizer que, por traz de tal situação, encontra-se uma mensagem, a saber, de volta a sua terra. “[...] Abraão representava uma espécie de mensagem promocional para aqueles que quisessem voltar da Caldéia para a Palestina [...]” (LIVERANI, 2008, 321).

⁹. **France 5**. Direção de Thierry Flaubert. SZ productions. Cabiria Films, 2005. Documentário.

¹⁰. **France 5**. Direção de Thierry Flaubert. SZ productions. Cabiria Films, 2005. Documentário.

O capítulo 12 do Gênesis menciona que Abraão desce para o Egito. A carestia está presente com mais intensidade nas narrativas de Israel, Lia, Raquel e seus filhos que decidem buscar auxílio no Egito. Adentrando no texto de Liverani (2008, p. 62), notamos isso com mais precisão.

[...] a dendrocronologia evidenciou na Anatólia um ciclo de quatro ou cinco anos (no fim do século XII) com escassíssimas precipitações, a ponto de provocar uma carestia muito séria. [...] os textos hititas e os de Ugarit assinalam carestias e importações de trigo da Síria para a Anatólia, e Marenptah se vangloria de ter enviado trigo do Egito “para manter em vida o país de Khatti” (ARE III 580).

Com um aprofundamento dos acontecimentos que estavam presentes na ideia Patriarcal e Matriarcal notamos o interesse em adquirir um terreno para construção de um espaço funerário. A gruta de *Macpela* torna-se uma sepultura de Sara e de Abrão. O terreno tem proprietário. Para o Patriarca Abraão e a Matriarca Sara a gruta seria uma posse e de valor sentimental. O pedido de Abrão é que concedam a eles a gruta.

A terra parece um tanto vazia, por dois motivos: pela incapacidade dos autores representar, em termos concretos e realistas, uma paisagem política do período que chamaríamos de Bronze médio (que tinha visto o ápice da urbanização palestina) e sobretudo pela influência do modelo, então presente e real, de um território demograficamente rarefeito, em parte sujeito a um nomadismo de retorno e politicamente dependente de uma realidade [...] (LIVERANI, 2008, p. 320)

Esse tipo de contrato é comum aos babilônicos (Cf. Gn 23). Dá a entender que o espaço não está ocupado. É relacionando esses aspectos que percebemos os encaixes de culturas que influenciaram na construção do texto bíblico. Os problemas postos por Liverani sobre o problema da posse de terras se desdobram nos aspectos irrepresentáveis da política e do nomadismo que o período do Bronze traz como característica.

Vejam que não é apenas esse caso, mas vários símbolos não condizem com os determinados períodos da civilização mencionada, a proximidade do seu dia a dia com sua construção histórica. As escrituras mostram ou dão a entender que na época dos Patriarcas e Matriarcas o camelo já havia sido domesticado, por exemplo. A cena de Gn 24, 22 faz menção a esse animal como já domesticado. No entanto, de acordo com as pesquisas recentes as tentativas de domesticação dizem respeito à Idade do Ferro.

As caravanas nos induzem a citar logo uma outra importante inovação: a domesticação e a utilização como animal de carga do camelo (na área iraniana) e do dromedário (na área arábica, logo atrás da Palestina). Trata-se de animais conhecidos havia muito tempo e com os quais já se tinham feito tentativas de domesticação; mas a utilização maciça coincide com o início do período do Ferro e somente então penetra da periferia para o próprio centro do Oriente Próximo (LIVERANI, 2008, p. 74).

Os camelos são símbolos da rotina do povo; é evidente que teve sua introdução como domesticado. Os camelos não são os únicos meios para uma análise desse período. É narrado que Abrão cavou poços que foram enterrados pelos filisteus. Isaac os reconstrói (Cf. Gn 26, 18). Por meio de estudos, essa prática pode ser considerada como de transição entre os dois períodos arqueológicos do Bronze recente para o Ferro I sendo que a maior carga de possibilidades é do Período do Ferro.

Igual importância tiveram as obras de canalização [...] podia-se também escavar poços mais profundos e cisternas com rebocos mais à prova d'água. Vale para as cisternas o que foi dito para os socalcos: há menção delas em ambientes urbanos já no bronze médio e recente, mas sua difusão maior está ligada às exigências do período do Ferro. No que se refere aos poços, porém, vários textos egípcios e assírios que celebravam aberturas de poços especialmente profundos concentram-se precisamente em torno do período da passagem do bronze recente para o Ferro I (LIVERANI, 2008, p. 77).

Tendo abrido espaço para se falar dos poços que foram enterrados pelos Filisteus. Lidamos com mais um problema. Os Patriarcas e Matriarcas, neste caso, podem ser exemplificados através de Isaac e Rebeca que tiveram que lidar com o povo filisteu. O episódio do poço enterrado pode ser o ponto de partida para tal ressalva. O problema é que os filisteus datam de ou 1200 ou 1150 a.E.C. Embora sejam vistos como “o povo mais importante, os filisteus, ocupou cinco cidades na costa meridional da Palestina ou no interior próximo” (LIVERANI, 2008, p 65). Não podemos dizer que a época em que os filisteus são lembrados corresponda com o que realmente aconteceu. A localização histórica e cultural a que pertence esse povo difere da época na narrativa.

Nesta linha de raciocínio, de povos dessemelhantes e ou não circuncidados, temos a aversão narrativa de Dina a qual relação com Siquém. A personagem Dina é o início de um pensamento puro acerca do matrimônio. Na realidade Patriarcal e Matriarcal o matrimônio não era comum entre certos tipos de pessoas. “À primeira

leitura, o episódio é uma forte tomada de posição contra o matrimônio com os incircuncisos”. (LIVERANI, 2008, p. 328).

Com José e sua presença no Egito, além da carestia temos o acontecido preliminar da sua venda aos ismaelitas. “Quando passaram os mercadores madianitas, eles retiraram José da cisterna. Venderam José aos ismaelitas por vinte ciclos de prata e estes o conduziram ao Egito” (Gn 37, 28). José se enquadrando em uma realidade não distante do que pode passar o ser humano, revela não como fato real; mas de possibilidades, um descaso, fraqueza, os limites do ser humano.

Não faltam paralelos sobre o fato material de uma venda de escravos palestinos para o Egito, paralelos que podem ser encontrados também na época do Bronze recente em que a cronologia bíblica situa José. Por exemplo, um texto de Ugarit (*Ug. V 42*) menciona o caso de uma pessoa “que seu (próprio) companheiro vendeu aos egípcios, abandonando-o e apoderando-se de suas coisas”. [...] o Egito era sem dúvida o maior “mercado” de escravos asiáticos ao longo de todo o curso da história antiga (LIVERANI, 2008, p. 329).

Como realidade escravocrata, lidamos com a possibilidade do real presente nas terras egípcias. José, colocado em um poço e depois vendido a uma caravana, pode representar uma realidade não muito distante do que realmente acontece com pessoas injustiças pela opressão de um povo dominante.

4. CONCLUSÃO

O Período dos Patriarcas e Matriarcas ocupam lugar na cronologia de 1850 a.E.C a 1650 a.E.C. Com o nosso trabalho, a partir do que suscita as narrativas bíblicas do livro do Gênesis 12 – 50, falou-se do amplo conhecimento dos diferentes problemas que antecederam as histórias de Abraão, Sara e Agar; Isaac e Rebeca; Jacó, Lia, Raquel, Zelfa e Bala e por fim José.

Evidenciamos os elementos que compõem o texto sagrado sejam eles símbolos, geografia e antropologia. De forma mais detalhada, procurou-se mostrar a raiz das histórias patriarcais perpassando pela realidade de Ur na Caldeia até a chegada dos israelitas no Egito. Foi dada oportunidade de perceber as influências literárias a que o texto pertence. Lidamos com a transição oral para a escrita. Realizamos um diálogo das pesquisas recentes da arqueologia com alguns fragmentos bíblicos. Encerramos nosso

trabalho aplicando, ou melhor, atualizando o percurso do patriarcado, não esquecendo alguns aspectos que, com eles, estão relacionados.

O estudo levou-nos a perceber que as narrativas, apesar de ter o seu significado seja literário e ou teológico, ocupam um lugar nas Sagradas Escrituras. Praticamente, não condizem com acontecimentos e povos a que menciona. O importante depois de lidar com esses estudos é a possibilidade de apreender mais sobre o processo e seus agregados da construção de um povo, o que está por traz das lutas, das peregrinações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Versão em língua portuguesa. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, Jose Carlos. A época dos patriarcas: Abraão. Disponível em:
<http://galeriabiblica.blogspot.com.br/2011/03/epoca-dos-patriarcas-abraao.html>.
Publicado em: 03/03/2011. Acesso em 10 de mar. de 2014.

FRANCE 5. Direção de Thierry Flaubert. SZ productions. Cabiria Films, 2005.
Documentário.

FARIA, J. F. (Org.) **História de Israel e as pesquisas mais recentes.** Petrópolis: vozes, 2003.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia:** história antiga de Israel. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Paulus/Loyola, 2008.

LAPPLE, A. **A Bíblia hoje:** documentação de história, geografia e arqueologia. São Paulo: Paulinas, 1979.